

Os europeus já esperam ESTADO DE SÃO PAULO renegociação de dívidas

23 MAI 1984

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

Nos meios financeiros europeus ninguém mais tem dúvida de que alguns dos principais devedores mundiais, entre eles Brasil, México e Argentina, já se encontram na impossibilidade de continuar cumprindo os programas estabelecidos com a comunidade financeira internacional para o pagamento de seus débitos. Nas últimas semanas, as discussões mais importantes na Europa entre os banqueiros envolvidos com essas dívidas têm sido sobre a data em que não mais se poderá mascarar essa situação. O debate atual é se ela vai provocar uma nova negociação e em que termos; se vão ocorrer decisões unilaterais ou se assistiremos à constituição de fato de uma frente de devedores, a partir da primeira posição comum de quatro dos principais devedores, isto é, a recente declaração conjunta dos presidentes do México, Brasil, Colômbia e Argentina.

Lembra-se, também, a declaração do ministro da Economia da França, Jacques Delors, preocupado com o período 1986-1988, quando esses países terão que reembolsar importantes parcelas de suas dívidas recentemente reescalonadas por diversos organismos, entre eles, o Club de Paris. Também em relação a esse ponto, o exemplo mexicano continua a ser citado pelos meios financeiros europeus. E, 1985, o México deverá reembolsar um total de US\$ 18 bilhões. Para preservar a paz social que começa a ser afetada no país (no dia 1º de maio o palácio presidencial chegou a ser atacado por bombas molotov), o governo mexicano quer alcançar um crescimento do PNB de 3%. Para isso haverá necessidade de que as importações passem de US\$ 7,7 bilhões para US\$ 17 bilhões. Dessa forma, o México terá necessidade de US\$ 35 bilhões. Ora, as exportações, salvo aumento inesperado do preço do petróleo, não deverão superar os US\$ 25 bilhões, faltando encontrar cerca de US\$ 10 bilhões.

Em uma primeira etapa, os países devedores que aceitaram as condições

do Fundo Monetário Internacional apresentaram como sinal positivo a recuperação de suas balanças comerciais. No caso mexicano, o saldo no ano passado foi de US\$ 4 bilhões. Na verdade, esse resultado só foi obtido pela paralisação brutal das importações que caíram para US\$ 7,7 bilhões em 1983 contra US\$ 14,5 bilhões no ano anterior. O mesmo fenômeno ocorre no Brasil, acreditando-se que sua permanência poderá ter consequências sérias para a manutenção da atual infraestrutura industrial, afetando também o nível de emprego e produção.

DUPLA LINGUAGEM

Para os assessores do ministro Jacques Delors, da França, os norte-americanos praticam uma dupla linguagem e apesar de sua intransigência manifestada publicamente em relação às taxas de juros praticadas, estão altamente preocupados com a recente evolução da situação. Oficialmente rejeitam toda estratégia comum de ajuda aos países superendividados, mas, na prática, quando as ameaças se tornam fortes, intervêm maciça e rapidamente. Isso já foi feito com o México, Brasil e, na semana passada, com um de seus próprios bancos, o **Continental Illinois**, altamente comprometido com a dívida sul-americana.

Na origem da manifestação dos quatro presidentes latino-americanos, os meios financeiros europeus identificam a Argentina de Raul Alfonsin. Segundo eles, esse país, que deve cerca de US\$ 45 bilhões, encontra-se em pleno processo de renegociação de sua dívida. Seu presidente, Raul Alfonsin, é prisioneiro de promessas eleitorais, entre elas a de crescimento do poder aquisitivo dos trabalhadores, não podendo aceitar as duras regras impostas pelo FMI. As negociações com esse organismo marcam passo no momento em que se aproximam vencimentos consideráveis. Os países latino-americanos, no fundo, estariam pressionando o FMI e os bancos norte-americanos para apresentar a negociação argentina em condições mais favoráveis que as anteriores, realizadas com o México e como Brasil.